

AS TRÊS MONTANHAS



“Desvelar, indicar, ensinar a senda esotérica que conduz à liberação final é, certamente, o propósito desta obra que tendes em vossas mãos querido leitor”.

Este é mais um livro do Quinto Evangelho.”

SAMAEL AUN WEOR

AS TRÊS MONTANHAS

(*Samael Aun Weor*)

ÍNDICE

- 00 – Quatro Palavras ao Leitor
- 01 – Minha Infância
- 02 – Religião
- 03 – Espiritismo
- 04 – Teosofia
- 05 – A Fraternidade Rosa Cruz
- 06 – O Corsário
- 07 – A Meditação
- 08 – Estados Jinas
- 09 – A Onda Dionisíaca
- 10 – O fogo Sexual
- 11 – A Vaca sagrada

PRIMEIRA MONTANHA

- 12 – A Igreja Gnóstica
- 13 – A primeira Iniciação de Fogo
- 14 – A Segunda Iniciação de Fogo
- 15 – A Terceira Iniciação de Fogo
- 16 – A Quarta Iniciação de Fogo
- 17 – A Quinta Iniciação de Fogo
- 18 – Uma Aventura Supra-Sensível
- 19 – Perseguições
- 20 – O Segredo do Abismo
- 21 – O Batismo de João
- 22 – A Transfiguração de Jesus
- 23 – Jerusalém
- 24 – O Monte das Oliveiras
- 25 – A Bela Helena
- 26 – O Acontecimento do Gólgota
- 27 – O Santo Sepulcro

SEGUNDA MONTANHA

- 28 – Serenidade e Paciência
- 29 – Os Nove Graus de Maestria
- 30 – O Patriarca Enoque
- 31 – O Céu Lunar
- 32 – Ginebra
- 33 – O Dragão das Trevas
- 34 – Conclusão dos Trabalhos Lunares
- 35 – O Céu de Mercúrio
- 36 – O Céu Vênus
- 37 – O Céu do Sol
- 38 – O Céu de Marte
- 40 – O Céu de Saturno
- 41 – O Céu de Urano
- 42 – O Céu de Netuno
- 43 – A Ressurreição

TERCEIRA MONTANHA

- 44 – Conversando no México
- 45 – O Décimo Trabalho de Hércules
- 46 – A Undécima Façanha de Hércules
- 47 – O Décimo Segundo Trabalho de Hércules

Samael Aun Weor

AS TRÊS MONTANHAS

Quatro Palavras ao Leitor

(Capítulo - 01)

Sem querer, de modo algum, ferir delicadas suscetibilidades, devemos enfatizar a idéia básica de que, no ambiente cultural e espiritual da humanidade contemporânea, coexistem variadas instituições veneráveis que muito sinceramente crêem conhecer o Caminho Secreto e que, no entanto, não o conhecem.

Permita-se nos a liberdade de dizer, com grande solenidade, que não queremos fazer crítica destrutiva. Enfatizamos e é ostensível que isso não é delito.

Obviamente e por um simples respeito muito profundo para com os nossos semelhantes, jamais nos pronunciaríamos contra nenhuma mística instituição. A nenhum elemento humano se poderia criticar pelo fato de desconhecer algo que nunca lhe foi ensinado. O caminho Secreto jamais foi desvelado publicamente.

Em termos rigorosamente socráticos, diríamos que muitos eruditos que pretendem conhecer a fundo a Senda do Fio da Navalha não só ignoraram, senão, ademais, ignoram que ignoram.

Não querendo indicar ou assinalar organizações espirituais de nenhum tipo e sem o ânimo de repreender a ninguém, diremos simplesmente que o ignorante ilustrado não somente não sabe, senão, ademais, não sabe que não sabe. Em todos os livros sagrados da antiguidade se faz alusão ao Caminho Secreto. É citado, é nomeado em muitos versículos, mas as pessoas não o conhecem.

Desvelar; indicar, ensinar a senda esotérica que conduz á liberação final é, certamente, o propósito desta obra que tendes em vossas mãos, querido leitor. Este é mais um livro do Quinto Evangelho.

Goethe, o grande iniciado alemão, disse: "Toda teoria é cinza e só é verde a árvore de dourados frutos, que é a vida." Vivências transcendentais é, certamente, o que entregamos neste novo livro: o que nos consta, o que experimentamos diretamente. É inadiável traçar os mapas do caminho; indicar com precisão cada passo; assinalar os perigos, etc., etc., etc.

Faz algum tempo, os guardiões do Santo Sepulcro me disseram: "Sabemos que te vais, mas, antes de te ires, deveis deixar para humanidade os mapas do caminho e vossas palavras."

Eu respondi, dizendo: "Isso será o que farei." Desde então me comprometi solenemente a escrever este livro.

AS TRÊS MONTANHAS

Minha Infância

(Capítulo - 01)

Não é demais asseverar solenemente que nasci com enormes inquietudes espirituais. Negá-lo seria um absurdo.

Ainda que a muitos lhes pareça algo insólito e incrível o fato concreto de que haja alguém no mundo que possa recordar, de forma íntegra, a totalidade de sua existência, incluindo até seu próprio acontecimento do nascimento, quero asseverar que eu sou um desses.

Depois de todos os consabidos processos natais, muito limpo e formosamente vestido, deliciosamente fui colocado no leito materno, junto a minha mãe...

Certo gigante muito amável, acercando-se daquele sagrado leito, sorrindo docemente, me contemplava. Era meu pai.

Folgo em dizer, claramente e sem rodeios, que, no amanhecer de qualquer existência, andamos originalmente em quatro pés; logo, em dois e, por último, em três. Obviamente, a última é a bengala dos anciãos.

Meu caso, de modo algum, podia ser uma exceção à regra geral. Quando tive onze meses, quis caminhar e é evidente que o logrei, sustentando-me firmemente sobre meus dois pés.

Ainda recorro plenamente aquele instante maravilhoso em que, entrelaçando minhas mãos sobre a cabeça, fiz solenemente o sinal maçônico de socorro: **"ELAI B NE AL' MANAH."**

E como ainda não perdi a capacidade de assombro, devo dizer que o que sucedeu então me pareceu maravilhoso. Caminhar pela vez primeira com o corpo que nos deu a Mãe Natura é, fora de toda dúvida, um prodígio extraordinário.

Muito serenamente me dirigi até o velho janelão, do qual se podia ver claramente o colorido conjunto de pessoas que aqui, lá ou acolá apareciam ou desapareciam na viela pitoresca do meu povoado.

Agarra-se aos barrotes de tão vetusta janela foi, para mim, a primeira aventura. Afortunadamente, meu pai, homem muito prudente, conjurando com muita antecipação qualquer perigo, havia colocado uma tela de alarme na balaustrada, a fim de que eu não fosse cair na rua.

Janela muito antiga de um alto piso! Quanto a recordo! Velho casarão centenário onde dera meus primeiros passos...

Certamente, nessa deliciosa idade, amava os encantadores brinquedos com que as crianças se divertem; mas isto, de modo algum, interferia em minhas práticas de meditação.

Por esses primeiros anos da vida em que se aprende a caminhar, costumava sentar-me ao estilo oriental para meditar...

Então estudava, de forma retrospectiva, minhas passadas reencarnações e é ostensível que me visitam muitas pessoas dos antigos tempos.

Quando concluía o êxtase inefável e retornava ao estado normal, comum e corrente, contemplava com dor os muros vetustos daquela centenária casa paternal, onde eu parecia, apesar de minha idade, um estranho cenobita...

Quão pequeno me sentia ante esses toscos paredões! Chorava... Sim! Como choram as crianças...

Lamentava-se, dizendo: "Outra vez em um novo corpo físico! Quão dolorosa é a vida! Ai! Ai! Ai!..."

Nesses precisos instantes, acudia sempre minha boa mãe, com o propósito de me auxiliar, ao tempo em que exclamava: "A criança tem fome, tem sede," etc., etc., etc.

Jamais pude esquecer aqueles instantes em que, alegre, corria pelos solarentos corredores de minha casa...

Então me aconteciam insólitos casos de metafísica transcendente: Chamava-se meu pai do umbral de sua recâmara; eu o via em roupas de dormir e, quando tentava me aproximar dele, esfumava-se perdendo-o na dimensão desconhecida...

Entretanto, confesso sinceramente que este tipo de fenômenos psíquicos me era familiar. Entrava suavemente em sua alcova e, ao verificar, de forma direta, que seu corpo físico jazia dormindo no perfumado leito de caoba, dizia a mim mesmo o seguinte: Ah! O que sucede é que a alma de meu pai está fora, porque seu corpo carnal, nestes momentos, está dormindo.

Por aqueles tempos começava o cinema mudo e muitas pessoas se reuniam na praça pública durante a noite, para se distrair, observando filmes ao ar livre na rudimentar tela: um lençol bem engomado, pregado em dois paus devidamente distanciados...

Eu tinha em casa um cinema muito diferente: Encerrava-se numa recâmara obscura e fixava o olhar no anteparo ou parede. Em poucos instantes de espontânea e pura concentração, iluminava-se esplendidamente o muro, como se fosse uma tela multidimensional, desaparecendo definitivamente o anteparo; surgiam, logo, do espaço infinitivo, paisagens viventes da grande natureza, gnomos brincalhões, silfos aéreos, salamandras do fogo, ondinas das águas, nereidas do imenso mar, criaturas ditosas que comigo brincavam, seres infinitamente felizes.

Meu cinema não era tudo, nem nele se necessitava de Rodolfo Valentino ou da famosa Gatinha Branca dos tempos idos.

Meu cinema era também sonoro e todas as criaturas que em minha tela especial apareciam cantavam ou falavam no orto puríssimo da divina língua primigênia que, como um rio de ouro, corre sob a selva espessa do sol.

Mais tarde, ao se multiplicar a família, convidava os meus inocentes irmãozinhos e eles compartilhavam comigo esta dita incomparável, olhando serenamente as figuras astrais na extraordinária barda de minha obscura recâmara...

Fui sempre um adorador do Sol e, tanto ao amanhecer como ao anoitecer, subia sobre o telhado de minha morada (porque, então, não se usava os terraços) e, sentado ao estilo oriental, como um iogue infantil, sobre as telhas de barro cozido, contemplava o Astro Rei em estado de êxtase, sumindo-se assim em profunda meditação. Bons sustos levava minha nobre mãe, vendo-me caminhar sobre a morada...

Sempre que meu idoso pai abria a velha porta do guarda-roupa, sentia como se me fosse entregar aquela singular jaqueta, ou casaca, de cor púrpura, na qual luziam dourados botões...

Velha peça do vestir cavalheiresco que usara com elegância naquela minha antiga reencarnação em que me chamara Simeón Bleler. Às vezes me ocorria que nesse armário velho pudessem também estar guardados espadas e floretes dos antigos tempos.

Não sei se meu pai me compreendia; pensava talvez que me pudesse entregar objetos dessa antepassada existência. O ancião olhava-me e, em vez de tais objetos, entregava-me um carrinho para que com ele brincasse; brinquedo de alegrias inocentes em minha infância.

Samael Aun Weor

AS TRÊS MONTANHAS

Religião

(Capítulo - 02)

Ensinado em bons modos, confesso, francamente e sem rodeios, que fui educado de acordo com a religião oficial de meu povo.

Fazer travessuras com alguém pelo corredor, em plena liturgia, sempre me pareceu abominável...

Desde criança tive o sentido de veneração e respeito. Não quis jamais "encolher os ombros" em pleno culto; nunca me agradou escapulir dos meus sagrados deveres, nem rir, nem burlar das coisas santas.

Sem querer agora enredar-me entre espinhos e sarças, devo tão só dizer que em tal seita mística – não importa qual seja seu nome - encontrei princípios religiosos comuns em todas as religiões confessionais do mundo. Citá-los, agora, é conveniente, para o bem da Grande Causa.

CÉUS

Achamo-los em toda religião confessional, ainda que com diversos nomes.

Entretanto, estes são sempre nove, como dissera, com tanto acerto, o Dante florentino, em seu clássico poema "A Divina Comédia".

- 1- **Céu da Lua** (mundo astral)
- 2- **Céu de Mercúrio** (mundo mental)
- 3- **Céu de Vênus** (mundo causal)
- 4- **Céu do Sol** (mundo búdico, ou intuicional)
- 5- **Céu de Marte** (mundo átmico, região de Atman)
- 6- **Céu de Júpiter** (o Nirvana)
- 7- **Céu de Saturno** (mundo paranirvânico)
- 8- **Céu de Urano** (mundo mahaparanirvânico)
- 9- **Céu de Netuno** (o Empíreo)

Resulta palmário e manifesto que estes nove céus, em boa hora citados, estão também dentro de nós mesmos, aqui e agora, e se penetram e compenetraram mutuamente, sem se confundirem.

Obviamente, estes nove céus se encontram situados em nove dimensões superiores; ostensivelmente, trata-se de nove universos paralelos.

INFERNOS

Não é demais, nesta esotérica Mensagem de Natal, 1972-1973, recordar, com certa ênfase muito singular, os diversos infernos religiosos.

Evoquemos com solenidade, façamos memória dos múltiplos infernos pré-históricos e históricos. Lembrança, reminiscência existe em qualquer lugar, sobre infernos chineses, maometanos, budistas, cristãos, etc., etc., etc...

Resulta inquestionável que todos esses variados infernos servem de símbolo para o mundo mineral submerso...

Claramente, Dante, discípulo maravilhoso de Virgílio, o poeta de Mântua, descobre, com assombro místico, a íntima relação existente entre os nove círculos dantescos e os nove céus...

O Bardo Thodol, livro tibetano dos espíritos do outro mundo, ressalta magnífico ante nossos olhos, fazendo-nos ver a crua realidade dos mundos infernos no interior do organismo planetário em que vivemos.

É indubitável que os nove círculos dantescos no interior da Terra se correspondem cientificamente com as nove infradimensões, submersas sob a região tridimensional de Euclides.

Resulta palmária e clara a existência cósmica dos mundos infernos em qualquer mundo do espaço infinito.

Obviamente, o reino mineral submerso não é, certamente, uma exceção do planeta Terra.

ANGEOLOGIA

Todo o cosmos é dirigido, vigiado e animado por séries quase intermináveis de hierarquias de seres conscientes, tendo cada um deles uma missão a cumprir, e estes (já se lhes chame por um nome ou por outro: Dhyan-Chohans, anjos ou devas, etc.) são mensageiros tão somente no sentido de serem agentes das leis Kármicas e cósmicas. Variam até o infinito em seus graus respectivos de Consciência e inteligência e todos eles são homens perfeitos no sentido mais completo da palavra.

Múltiplos serviços angélicos caracterizam o amor divinal. Cada Elohim trabalha em sua especialidade. Nós podemos e devemos apelar à proteção angélica.

DEUS

Todas as religiões são pérolas preciosas engastadas no fio de ouro da divindade.

É ostensível o amor que todas as místicas instituições do mundo sentem pelo divinal: Alá, Brahma, Tao, Zen, I.A.O., INRI, Deus, etc., etc., etc.

O esoterismo religioso não ensina ateísmo de nenhum tipo, exceto no sentido que encerra a palavra sânscrita "nastika": não admissão de ídolos, incluindo esse deus antropomórfico das pessoas ignorantes (coisa absurda seria crer num ditador celeste que, sentado lá em cima num trono de tirania, lançasse raios e relâmpagos contra este triste formigueiro humano).

O esoterismo admite um Logos ou um Criador coletivo do universo, um Demiurgo Arquiteto.

É inquestionável que tal Demiurgo não é uma deidade pessoal, como muitos equivocadamente supõem, senão só a coletividade dos Dhyan-Chohans, anjos, arcanjos e demais forças. Deus é Deuses! Escrito está, com caracteres de fogo, no livro resplandecente da vida, que Deus é o Exército da Voz, a Grande Palavra, o Verbo.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."

"Todas as coisas por Ele foram feitas e, sem Ele, nada do que tem sido feito, foi feito."

É algo palmário e manifesto que qualquer homem autêntico que logre realmente a perfeição ingressa, por tal motivo, na corrente do som, nas milícias celestes constituídas pelos Budas de compaixão, anjos, espíritos planetários, Elohim, Rishi- Prajapatis, etc., etc., etc.

Foi-nos dito, com grande ênfase, que os Logos soa e isto é obvio. O Demiurgo, o Verbo, é unidade múltipla perfeita.

Quem adora aos Deuses, quem lhes rende culto, pode captar melhor o significado das diversas facetas divinais do Demiurgo Arquiteto.

Quando a humanidade burlou dos Deuses santos, caiu, ferida de morte, no grosseiro materialismo desta idade de ferro.

LÚCIFER

Podemos e até devemos eliminar radicalmente todos os agregados psíquicos subjetivos, tenebrosos e perversos que levamos dentro. Entretanto, é inquestionável que jamais poderíamos dissolver, em nós mesmos, a sombra do Logos íntimo.

Resulta a todas as luzes claro e evidente que Lúcifer é a antítese do Demiurgo Criador, sua sombra viva, projetada no fundo profundo do microcosmos homem.

Lúcifer é o guardião da porta e das chaves do santuário, para que não penetrem nele senão os ungidos que possuem o segredo de Hermes.

E já que escrevemos este tão aborrecível nome para os ouvidos piedosos do vulgo, necessário seria consignar também que o Lúcifer esotérico da doutrina arcaica é totalmente o contrário do que os teólogos, como o famoso Desmouss-Eaux e o Marquês de Mirville supõem equivocadamente, pois é a alegoria do bem, o símbolo do mais alto sacrifício (Christos-Lúcifer) dos gnósticos e o deus da sabedoria sob infinitos nomes.

Luz e sombra, misteriosa simbiose do Logos Solar, unidade múltipla perfeita, INRI é Lúcifer.

DEMÔNIOS

As diversas teogonias religiosas nos pintam como castigados esses logói divinos que, reencarnamos em humanos corpos, cometeram o erro imperdoável de cair na geração animal.

Esses gênios tenebrosos são anjos caídos, demônios autênticos, no sentido mais completo da palavra.

Resulta absurdo asseverar que tais rebeldes houvessem dado a mente ao homem. É obvio que esses anjos caídos são verdadeiros fracassos cósmicos.

É muito oportuno, nestes instantes, recordar os nomes inumanos de Andramelek, Belial, Moloque, Bael, etc., cujas horrendas abominações podem ser estudadas por qualquer adepto da Loja Branca, nos registros acássicos da natureza.

Distinga-se entre o que é uma caída esotérica e o que é uma baixada.

Evidentemente, esses anjos rebeldes não baixaram, caíram; e isso é diferente.

O LIMBO

Versados na história universal, bem sabemos, de forma íntegra, o que é realmente o Orco dos clássicos gregos e latinos, o Limbo dos esoteristas cristãos.

Não é demais, neste tratado, enfatizar a idéia transcendental de que o Limbo é, certamente, a ante-sala dos mundos infernos...

Todas as cavernas conhecidas e por conhecer formam uma vasta e ininterrupta rede que abarca por inteiro o planeta Terra, constituindo o Orco dos clássicos, como já dissemos em linhas acima, o Limbo autêntico e esoterismo gnóstico..., o outro mundo; enfim, onde vivemos depois dos mortos.

Corresponde ao Limbo aquela mística e terrível alegoria que diz: "Ali vivem aquelas crianças inocentes que morreram sem ter recebido as águas do batismo."

Dentro do esoterismo gnóstico, tais águas são do tipo genesíaco e constituem o "ens seminis" (a entidade do sêmen, como dissera Paracelso).

O batismo sacramental dos diversos cultos religiosos simboliza o sexo-ioga, o Maithuna, a magia sexual. Na medula e no sêmen encontra-se a chave da salvação e tudo o que não seja por ali, por este caminho, é, certamente, uma perda inútil de tempo.

Crianças inocentes são aqueles santos que não trabalharam com as águas espermáticas do primeiro instante. Pessoas virtuosas que creram possível a auto-realização íntima do Ser sem cumprir com o compromisso do sacramento do batismo; desconhecaram a magia sexual ou a rechaçaram enfaticamente.

Somente Mercúrio, o chefe e evocador das almas, tomando o caduceu da sabedoria em sua destra, pode evocar de novo à vida as infelizes criaturas inocentes precipitadas no Orco.

Somente ele, o Arquimago e Hierofante, pode fazê-las renascer em ambientes propícios para o trabalho fecundo e criador na forja dos Cíclopes.

Assim é como Mercúrio, o Núncio e o Lobo do Sol, faz ingressar as almas do Limbo nas milícias celestes...

PURGATÓRIO

Definamos o Purgatório assim: região molecular inferior, zona de tipo sublunar, astral submerso (Kama-Loka secundário).

No mundo purgatorial devemos frigar as sementes do mal; aniquilar larvas infra-humanas de todo tipo; purgar-nos de toda corrupção; purificar-nos radicalmente.

Dante Alighieri, falando sobre o Purgatório disse:

"Aproximamo-nos até chegar o lugar que antes me parecera ser uma ruptura, semelhante à brecha que divide um muro, e vi uma porta, pela qual se subia por três degraus de diferentes cores, e um porteiro que
que
ainda
não tinha proferido nenhuma palavra.

E como eu abrisse cada vez mais os olhos, vi-o sentado sobre o degrau superior com tão luminoso o rosto que não podia fixar nele a vista. Tinha na mão uma espada desnuda, que refletia seus raios para nós, de tal modo que em vão tentei fixar nela meus olhares.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

